

Estratégias narrativas sensíveis e estética documental nas séries jornalísticas audiovisuais: estudo de caso da série “Fome”¹

Cláudia THOMÉ²

Marco Aurelio REIS³

Graciele Soares de CARVALHO⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

RESUMO

O artigo traz resultados de pesquisa sobre as estratégias narrativas nas séries jornalísticas audiovisuais que são consideradas produções especiais e apresentam características do jornalismo literário apontadas por Kramer (1995) e Martinez (2016), entre elas a voz autoral, o estilo e o uso da primeira pessoa. O trabalho também aponta o reflexo da literatura no audiovisual a partir do conceito de videoteratura (THOMÉ, REIS, 2018), em reportagens que assumem elementos cronísticos. A partir da proposta metodológica de Estudo de Caso (YIN, 2001) e da Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2016), a pesquisa busca detalhar como as séries jornalísticas audiovisuais configuram um telejornalismo literário, com foco na análise da Série Fome, exibida no Jornal Nacional, em junho de 2001.

PALAVRAS-CHAVE: Séries jornalísticas audiovisuais; telejornalismo literário; estratégias narrativas; série Fome; Jornal Nacional.

1- Introdução

As séries jornalísticas audiovisuais configuram-se como produções especiais de reportagens seriadas construídas a partir de agendamento e escolhas editoriais das emissoras e aprofundamento em temáticas complexas, com pautas mais elaboradas, que demandam investimentos financeiros, tecnológicos e humanos. Pressupõem uma

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora associada e docente permanente do Programa de Pós Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), pós-doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), líder do grupo de pesquisa “Narrativas Midiáticas e Dialogias” (CNPq/UFJF), e-mail: claudia.thome@ufjf.br.

³ Professor Doutor permanente do PPGCOM UFJF e da SEE-MG e substituto da Faculdade de Letras da UFJF. Vice-líder do Grupo de Pesquisa/CNPq Narrativas Midiáticas e Dialogias. E-mail: marco.reis@ufjf.br.

⁴ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e integrante do grupo de pesquisa “Narrativas Midiáticas e Dialogias” (CNPq/UFJF), e-mail: graciele_jornalismo@yahoo.com.br.

construção narrativa com ganchos entre as reportagens, que seguem uma lógica de “suíte” para tecer a narrativa, entremeada com dados jornalísticos, inserção de personagens, repercussões, passagens de repórteres, videografismo, e demais recursos do telejornalismo contemporâneo. São conteúdos jornalísticos em capítulos ou em episódios, a depender da proposta da série jornalística.

Considerando o jornalismo audiovisual como produtor de conhecimento, construtor da realidade social (BECKER, 2016) e lugar de referência para a sociedade (VIZEU, CERQUEIRA, 2019), o presente trabalho, que deriva de pesquisa sobre estratégias narrativas no telejornalismo contemporâneo, faz um mapeamento das séries jornalísticas veiculadas no Jornal Nacional, na Rede Globo, observando as temáticas escolhidas pela emissora ao longo dos anos, para colaborar nos estudos das séries telejornalísticas, com levantamento de breve histórico sobre tais produções e, sobretudo, buscar compreender a anatomia narrativa (THOMÉ, PICCININ, REIS, 2020) desse formato audiovisual, que configura elementos de um telejornalismo literário (REIS, THOMÉ, 2022, p. 34).

A pesquisa busca compreender em que medida as séries jornalísticas audiovisuais apresentam características apontadas por Kramer (1995) para o jornalismo literário (MARTINEZ, 2016), entre elas a voz autoral, o estilo e o uso da primeira pessoa, o que também pode ser caracterizado como jornalismo de autor (ASSIS, 2016). Importante considerar que Martinez (2016) já apontou a presença de elementos do jornalismo literário em um conjunto de reportagens especiais veiculadas no Globo Rural, entre 2008 e 2009, em trabalho que teve por foco detectar a existência de “narrativas aprofundadas” nos meios eletrônicos.

Busca-se analisar, a partir da proposta metodológica Estudo de Casos Múltiplos Holísticos, da obra referencial Estudo de Caso (YIN, 2001) e como procedimento metodológico a Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2016) as estratégias narrativas que caracterizam séries jornalísticas especiais da Rede Globo, veiculadas no Jornal Nacional, com foco no uso de elementos de subjetivação, nas figuras de linguagem e em recursos narrativos ancorados no modelo ético documental (RAMOS, 2005), tendo como objeto a premiada série “Fome no Brasil”, de Marcelo Canellas, de 2001.

2 - Telejornalismo literário nas séries jornalísticas

O cruzamento do jornalismo com a literatura no Brasil não é novo, está na história da imprensa, tendo lastro primeiro no impresso, depois no rádio, como “literatura de ouvido” (THOMÉ, 2015), e na televisão e demais telas, configurando uma “videoteratura” (THOMÉ, REIS, 2018) ou mesmo um telejornalismo literário. Cada um dos meios terá um atravessamento específico do literário no jornalismo, a considerar suas especificidades.

Para entender elementos do literário no telejornalismo, faz-se necessário buscar, no estado da arte dos estudos sobre jornalismo literário, quais são suas principais características e seus autores referenciais. A narrativa autoral, com elementos que a humanizam, que apresentam o factual em uma história contada, tem, no Brasil, Euclides da Cunha como um precursor, que publicou notícias da Guerra de Canudos de forma seriada, no jornal O Estado de S. Paulo, originando posteriormente o livro *Os Sertões*, em 1902. “Um dos pontos de ligação de Cunha com o Jornalismo Literário contemporâneo é a tentativa de, em lugar de heróis, dar voz às pessoas comuns, com seus problemas e limitações” (MARTINEZ, 2016, p. 36). O jornalismo brasileiro tem ainda o cronista João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto, como outra referência, o repórter que transformava o que via nas ruas do Rio de Janeiro em texto cronístico.

Em seu estudo referencial sobre jornalismo literário no Brasil, Martinez (2016) afirma que o jornalismo literário tem origem mesmo antes da escrita por prestar “muito mais a atenção que o jornalismo tradicional ao uso da oralidade, ou seja, à forma com que as pessoas expressam seus pensamento, sentimentos e suas ações; enfim, sua forma de ver e se relacionar com o mundo” (idem, p. 29). Assim, segundo a autora, o Jornalismo Literário remonta à contação de histórias e tem grande carga imagética, referindo-se à “capacidade de tecer narrativas com símbolos, metáforas e imagens que são de fácil compreensão para todos” (MARTINEZ, 2016, p. 29).

Nas telas, a narrativa jornalística com recursos literários tem espaço tradicionalmente no telejornalismo em formatos específicos, como em quadros de crônica e em colunas, com base na oralidade e construção narrativa com figuras de linguagem e imagens como elementos centrais na narrativa. Pesquisa sobre o cronismo televisivo no

espelho dos telejornais revelou, no entanto, um transbordamento de tais elementos para fora dos quadros, em reportagens com linguagem mais literária, configurando o que se conceitua como “videoteratura” (REIS, THOMÉ, 2018). Tais recursos podem aparecer como linguagem que estimula a emoção e a proximidade com o público, mas também são elementos importantes em reportagens aprofundadas que seguem a trilha do jornalismo literário. Martinez (2016) detectou características do jornalismo literário em reportagens especiais veiculadas no Globo Rural, entre 2008 e 2009, ao produzir um trabalho sobre a existência de “narrativas aprofundadas” nos meios eletrônicos.

O estudo da pesquisadora toma por base os elementos apontados por Kramer (1996) para o jornalismo literário, traduzidas pela autora (MARTINEZ, 2016, p. 241), e sintetizadas na presente pesquisa para embasamento das análises das séries. Assim, seguindo o que conceitua Kramer, o jornalismo literário precisa trazer pesquisas de profundidade, sobre acontecimentos rotineiros, alto nível de acurácia na informação e verificação, com narrativa em “voz íntima”, autoral, com estilo e o uso da primeira pessoa, trazer ponto de vista e se dirigir ao público, de forma clara e respeitosa. Entre as regras apontadas por Kramer, vale destacar ainda a seguinte: “Estrutura conta, misturando narrativa primária com histórias e digressões para amplificar e re-emoldurar os acontecimentos” (MARTINEZ, 2016, p.241). Além disso, a verificação precisa, segundo Kramer, envolve também a questão ética do autor tanto com o leitor quanto com a fonte - afinal, existem pesquisas que demoram muito para serem feitas, o que pode gerar muitos vínculos pessoais. Em todo caso, deve ficar claro que o jornalismo está em ação como um profissional, não sendo sequer um amigo mas uma testemunha da realidade. Esse comportamento ético é a segunda característica apontada por Kramer (MARTINEZ, 2009, p. 81).

Tais características do jornalismo literário podem ser identificadas em séries de reportagens televisivas, sobretudo o aprofundamento temático, em apurações de fôlego, com investimento na produção, realçando ainda no produto final o estilo e a criação de sentido, em um formato que proporciona a equipe de reportagem explorar melhor o assunto e levar até o telespectador a notícia de maneira mais aprofundada e completa, diferentemente das reportagens que são produzidas, geralmente, de maneira mais rápida para o jornalismo diário. Para Cunha (2020), ao retratar uma notícia dentro deste formato,

o jornalista deve romper as fronteiras do que já é conhecido e se atentar às experiências vivenciadas pelos protagonistas de forma coletiva e principalmente explorar os especialistas com uma pauta bem embasada.

A pauta para a produção de uma série jornalística televisual pode ganhar fermentação a partir do enquadramento de um problema, mas deve se abrir para a contextualização do tema, cultural e historicamente, bem como ouvir protagonistas que possam revelar experiências humanas e arrematar com uma fundamentação embasada em diagnósticos e prognósticos dos especialistas no assunto. (CUNHA, 2020, p. 47)

As séries jornalísticas audiovisuais podem ser veiculadas no espelho dos telejornais ou em plataformas de streaming, aproximando-se, por vezes, do documental. No telejornal, é possível ainda detectar que há uma valorização da participação do repórter como narrador e personagem, muitas vezes de forma humanizada, no que se conceitua como voz autoral, configurando um jornalismo de autor (ASSIS, 2016).

Para Fernandes (2016), as séries jornalísticas compreendem um subgênero especial dos telejornais brasileiros. A pesquisadora analisou três telejornais da TV - Jornal da Record (Rede Record), Jornal da Band (Rede Bandeirantes) e Jornal Nacional (Rede Globo) - e verificou que esse tipo de subgênero tem ganhado cada vez mais espaço na televisão brasileira. Ela usou como aporte uma pesquisa estatística que aponta os problemas que mais preocupam os brasileiros e se destacam na construção das séries jornalísticas.

Assim, acreditamos que o enfoque das séries para problemas relacionados à segurança e saúde se pauta não somente por seu interesse público, mas se deve também a uma configuração do gênero. Pois estas possibilitam com maior facilidade a construção de narrativas dramáticas, marcada por emoções, com histórias de personagens que enfrentam problemas como violência, drogas, abusos ou doenças como câncer, depressão, AIDS, entre outras, e superam esses desafios. (FERNANDES, 2016, p.9).

Na pesquisa, Fernandes (2016) destaca as séries Caminhos do Brasil, de 1996, sobre economia; Intolerância, dos anos 2000, que abordou a guerra civil em Angola; e a Série Fome, de 2001, que está em foco deste estudo.

3 - As séries no espelho do JN

A Rede Globo exibe séries jornalísticas no Jornal Nacional desde 1996. Tendo como característica a exibição entre dois dias e uma semana inteira, a série de estreia foi intitulada “O Futuro do Emprego”, sendo assinada pelo jornalista Joelmir Beting. De acordo com o site Memória Globo, a aposta da emissora é oferecer ao público “compreensão profunda” dos assuntos abordados. No mesmo site, o jornalista Marcelo Canellas, desligado da emissora em abril de 2023⁵, demonstra entusiasmo pelo formato:

A importância de uma série de reportagens está em sua capacidade de dissecar um assunto e aprofundá-lo durante uma semana inteira. Ganha o repórter, que trabalha melhor o tema escolhido; ganha o telespectador, que o entende com mais facilidade. O jornalismo diário tem uma limitação de tempo que, às vezes, põe obstáculos ao pleno entendimento de um contexto. Os fatos, para além de sua mera aparência, podem ter nuances ocultas que necessitam ser elucidadas. Nada melhor do que uma série para buscar, com mais profundidade, os antecedentes, as consequências e os movimentos internos que regem um fato.

A partir do mesmo ambiente oficial da memória da Rede Globo e da plataforma digital de streaming de vídeos e áudios sob demanda GloboPlay, é possível listar as séries exibidas ao longo dos 27 anos desse formato na emissora. Há pelo menos 30 séries produzidas nesse período pela emissora, sendo cinco a partir de 2002 com claros sinais do chamado Jornalismo de Soluções (SIMÕES, 2022) ao dar destaque para soluções de problemas tratados, tais como em 2010 ao abordar saídas ambientais para questão amazônica, em reportagens nas quais os repórteres Tônico Ferreira e Fernando Ferro falam de desmatamento mas também dão destaque para iniciativas produtivas que se adequam às normas ambientais. No levantamento é possível identificar a predominância de temáticas relacionadas à economia (5), à política (4), à história (4) e ao esporte (4). Pautas ligadas ao meio ambiente vêm em seguida, com três. Com duas edições cada, estão séries que tratam de temas com as retrancas internacional, saúde e educação.

Entre as séries com a temática social está a série premiada “Fome no Brasil”, do repórter Marcelo Canellas, exibida de 18 a 22 de junho de 2001, que usa as figuras de

⁵ In <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/reporter-marcelo-canellas-e-demitido-da-globo-apos-33-anos-saiba-por-que-100248>, acesso em 15 de julho de 2023

sintaxe ou construção, aquelas com intuito de oferecer maior expressividade e inclui, por exemplo, momentos de Elipse Imagética, com imagens sem off dando conta de algo já dito anteriormente. Além, é claro, dos já habituais no telejornalismo, elementos das figuras de linguagem, tais como metáforas conforme já apontado em estudo anterior (FINGER e EBERHARDT, 2022) ao qual este se filia.

4 - Análise da materialidade da série Fome

O repórter da Rede Globo, Canellas, e a repórter cinematográfica Lúcio Alves percorreram estados, como por exemplo, Minas Gerais, Ceará, São Paulo, Pernambuco, Piauí, Bahia e Paraná e traçaram um mapa da fome no Brasil na presente janela de observação (YIN, 2001) entre as séries veiculadas no Jornal Nacional. Com base no procedimento metodológico análise da materialidade audiovisual (COUTINHO, 2018), o presente estudo avalia de forma holística a unidade texto + som + imagem + tempo + edição, cuja complexidade inclui código, significado e conteúdo. A partir de tal análise cuidadosa foi possível contextualizar a série, exibida entre os dias 18 e 22 de junho de 2001 no Jornal Nacional. As reportagens (hoje disponíveis na plataforma de compartilhamento de vídeos Youtube) têm aproximadamente 21 minutos e 30 segundos e para pontuar os recursos usados, primeiramente, examinamos todo o material, analisando a linguagem e a importância das imagens evidenciadas em algumas situações.

Na série, o repórter Marcelo Canellas explora o contexto da imagem em movimento para contar a história e ainda lança mão de termos explorando as figuras de linguagem para dar mais expressividade às histórias, de forma que não afete a informação. Recursos comuns na linguagem dos textos literários, analisada por autores como o russo Roman Jakobson que defendia que a linguagem deve ser estudada em toda a variedade de suas funções. (JAKOBSON, 1973, p.122). E são vários os elementos empregados dentro desse contexto, isso porque a literatura usa a linguagem de maneira peculiar, assim como outros gêneros como os das reportagens.

Apesar da tragédia reportada, Canellas consegue usar termos e técnicas para deixar o texto impactante e ao mesmo tempo lírico literário. Entre essas características, estão recursos semânticos compostos, por exemplo, pelas figuras de linguagem caracterizadas pelo uso da conotação e se estendem por categorias como sintaxe ou

construção usadas “não só na prática espontânea da conversa do dia a dia, como na linguagem escrita e literária por deliberada intenção estética” (BECHARA, 2020, p.523)

Na primeira reportagem, por exemplo, verificamos o uso do recurso na passagem do repórter, propositalmente ou não, o discurso ganhou mais ênfase.

Uma tragédia a conta gotas, dispersa, silenciosa, escondida nos rincões e nas periferias. Tão escondida que o Brasil que come não enxerga o Brasil faminto e aí a fome vira só número, estatística. Como se número não trouxesse junto com ele, dramas, histórias, nomes” (CANELLAS, 2001, sem paginação)

Neste trecho acima, o telespectador pode até não saber a definição de determinado termo, mas vai compreender o contexto do discurso dotado de uma linguagem conotativa com um apelo mais sentimental. O repórter usa o termo “a conta gotas” para justificar que aos poucos o drama vai tomando conta dos lugares afastados, os “rincões” e nos arredores das cidades, as “periferias”. Ainda dentro da linguagem conotativa, verificamos outros trechos literários: “É a credice dos grotões, bebê que morre vira querubim”. O repórter quer mostrar que em uma baixada, em um lugar grotesco, os “grotões”, a criança que morre vira um anjo, mensageiro de Deus, um “querubim”, uma forma poetizada para se referir à morte. Nota-se que, apesar do trabalho jornalístico ter como foco a linguagem denotativa, existe a presença da conotação que pode ter um potencial de atingir muito mais quem recebe a mensagem.

Entre as figuras de linguagem identificadas na primeira reportagem está Zeugma, que é quando se omite um termo na oração que já foi citado anteriormente. No *off* “No Brasil a cada cinco minutos morre uma criança, a maioria de doenças da fome”, o verbo “morrer” foi ocultado porque já foi apontado com antecedência.

Na segunda reportagem, é abordada a relação da fome com a loucura, e ainda as pesquisas de deficiência da alimentação brasileira, com foco nas crianças que já nascem desnutridas e crescem enfrentando o mesmo problema. Entre os recursos utilizados pelo repórter que está presente principalmente no texto literário está a Multissignificação que é quando as frases assumem significados variados. É o caso de um trecho da segunda reportagem que Marcelo Canellas usa para anteceder a entrevista do médico que fala de como a altura das crianças pode ser prejudicada se não tiver a nutrição adequada: “A

deficiência de vitamina A, estaciona o crescimento de famílias inteiras.” Neste caso a palavra “deficiência” foi usada como sinônimo da palavra “falta”. Outro termo colocado na frase foi “estaciona” no lugar de “para”.

Na reportagem seguinte, Marcelo Canellas mostra a fome que está presente independentemente do lugar e aborda também o comportamento das pessoas ao vivenciar a dor de um ente querido diante da falta do que comer. Por meio da linguagem dos textos de Marcelo Canellas, percebe-se a humanização arraigada. E no caso da Série, a humanização se dá principalmente por meio do tratamento com os personagens, como verificamos neste trecho da terceira reportagem em que o repórter valoriza a entrevista com a personagem por meio de uma linguagem mais metafórica que é quando se foca no sentido mais figurado das palavras.

_ O que acontece com povo pobre em terra fértil? Camponesa no Piauí, Maria compara gente e planta:

_se tiver uma linda rosa na mão, e eu não tiver água pra botar nela, ela vai e murcha. E depois dela murchar, o destino dela é secar e acabar, não é não?!”. (CANELLAS, 2001, sem paginação)

No quarto episódio, estão retratadas as alternativas adotadas pela comunidade para sair dessa realidade, como por exemplo, os moradores de uma comunidade pobre de Fortaleza que conseguiram do governo, dinheiro para reforçar a merenda. Há também os projetos criados no interior da Bahia para amenizar a falta da água, tão importante na irrigação. Neste episódio foi possível perceber a Anáfora, usada principalmente em músicas e na literatura, que é a repetição de termos para enfatizar uma ideia. Em um dos offs em que o repórter explica sobre a construção das cisternas é ressaltado: “Água para os bichos. Água para a casa”, como uma forma de mostrar que os moradores não vão mais ficar sem o recurso natural. Em outros trechos, o recurso também é utilizado: “Onde havia fome, jorra o leite, jorra o mel”, “Gente pobre, mas de mesa cheia, de boca cheia”.

Outro fenômeno importante destacar é a Elipse que, segundo Bechara (2020), se caracteriza pela omissão de um termo ou por ter sido antes sugerido e compreendido. No caso do audiovisual, podemos ressaltar a presença da Elipse Imagética como a que foi perceptível no final da quarta reportagem: após o seguinte depoimento de uma personagem que compartilha o desejo “que todo mundo tivesse o que comer”, é destacada

uma imagem que dura cinco segundos. Nela uma criança com um olhar brilhante enche a colher de comida em um prato e na sequência coloca na boca dando a compreender que este desejo começava a ser realizado.

Por último, o jornalista traz o impacto da série de reportagens na vida das pessoas. Canellas mostrou a mobilização do povo desde que os episódios começaram a ser exibidos. No trecho a seguir, da quinta reportagem, verifica-se como Canellas consegue identificar cada local por meio de referências. Ele poderia ter resumido tudo em uma frase, mas optou por um discurso mais comovedor, dotado de conotação:

No Vale do Jequitinhonha em Minas, crianças dividindo grãos, cidades abandonadas na Bahia, às doenças da escassez em Pernambuco, a população faminta no Piauí, o choro da fome em Salvador ou na periferia de São Paulo. (CANELLAS, 2001, sem paginação)

Percebe-se que recursos usados, como a metáfora, anáfora, conotação, além de outros, quando são bem empregados no jornalismo expressam ideias e tocam na emoção de maneira subjetiva valorizando principalmente os personagens. A estratégia narrativa explora o campo dos afetos que, como reforça Sodré (2016), sempre esteve aí, com os artistas, os poetas, os amantes e os visionários.

Além da estratégia narrativa em texto voltada para a humanização, seguindo o que Becker (2021) conceitua como “humanismo solidário”, percebe-se a importância da inserção das imagens e de outros recursos no momento certo para descrever o problema social e despertar no telespectador o que é definido por Sodré (2016) como emoções. As imagens mostram casas de pau a pique, panelas vazias e crianças pescando favos em um prato quase vazio.

Fixemo-nos no estado designado da palavra “emoção, por sua alta frequência no vocabulário moderno da afetividade e por um certo consenso teórico no sentido de que ela dá unidade aos fenômenos sensíveis, fazendo que o estado afetivo dominante permeie todos os estados de consciência. “*Emoção* deriva do latim *emovere*, *emotus* – donde, *commuovere*. Infinito e passado verbais a “movimento” energético ou espiritual desde um ponto zero ou um ponto originário na direção de um outro, como consequência de certa tensão capaz de afetar organicamente o corpo humano. *Emotus* significa abalado, sacudido, posto em movimento. (SODRÉ, 2016, p.29)

Tais usos estilísticos, bem comuns aos gêneros literários, dialogam com elementos característicos de outros formatos telejornalísticos, em uma espécie de janela dentro do noticiário, em que se permite, por vezes, lançar mão de uma literariedade, uma dramaturgia (COUTINHO, 2012), ou mesmo de estratégias de subjetivação (BECKER, 2022; BECKER, THOMÉ, 2023).

Considerações finais

A pesquisa parte de uma fundamentação teórica que aponta os textos audiovisuais como produtores de sentidos, como modos de criar a cultura contemporânea (BECKER, 2016), e o noticiário televisivo como lugar de referência, que organiza o mundo (VIZEU, CERQUEIRA, 2019). Assim, justifica a relevância de entender a produção audiovisual seriada jornalística veiculada pelo Jornal Nacional, com base em uma linguagem que se destaca como autoral e com uso de figuras de linguagem não tão frequentes no telejornalismo diário.

A análise permitiu detectar o que Motta (2013, p. 200) nomeia como “estratégias e estratagemas de referenciação do narrador para construir os efeitos de real”. As cinco reportagens da Série Fome que foram exibidas no Jornal Nacional, de 18 a 22 de junho de 2001, apresentam elementos próprios da linguagem literária, em que o repórter coloca-se como narrador incluso, que testemunha a dor do outro, no que se configura como uma ética documental participativa (RAMOS, 2005), em um momento anterior à tendência contemporânea de uma linguagem subjetiva no noticiário. Assim, a pesquisa identificou na série analisada movimentos de objetivação (efeitos de real) e de subjetivação (efeitos literários), seguindo os termos de Motta (2013), em reportagens que absorvem elementos narrativos do que se poderia pensar como um telejornalismo seriado autoral e literário. O estudo traz exemplos dos recursos utilizados, muitas vezes, para tornar o material audiovisual mais expressivo e mobilizador por meio da emoção editorializada (THOMÉ, REIS, 2022).

A série jornalística Fome faz um deslizamento do foco narrativo, em que o repórter é o narrador que testemunha a dor de suas fontes, em uma ética documental não mais caracterizada pelo recuo, mas participativa-reflexiva, nos termos de Ramos (2005), no contexto conceituado por Figueiredo (2010), ao tratar das narrativas migrantes

contemporâneas: “a ênfase não recai num realismo da representação, mas num realismo de base testemunhal, apoiado na narração que se assume como discurso” (FIGUEIREDO, 2010, p. 74). Assim, a série jornalística analisada está imersa no contexto de produções audiovisuais que valorizam o testemunho como autenticador do que se está contando, em que o jornalista também se afeta, e os bastidores passam a ser fatos também vividos por ele, em uma narrativa que se entrelaça à principal, sobre a cobertura jornalística, em que o repórter é também personagem.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Francisco. O 'ser autor' na prática do jornalismo diversional. **Alceu** (PUCRJ) , v. 16, p. 90-106, 2016.
- BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa** - 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020
- BECKER, B. **Televisão e Telejornalismo: Transições**. 1 ed. São Paulo: Editora Estação das Letras e Cores, 2016.
- BECKER, Beatriz. Reconfigurações do jornalismo audiovisual: um estudo da cobertura do Fantástico da pandemia da Covid-19. In Anais do **XXX Encontro Anual da Compós**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo (virtual), 2021
- BECKER, B. A construção audiovisual da realidade: uma historiografia das narrativas jornalísticas em áudio e vídeo. Rio de Janeiro, RJ: **Mauad X**, 2022. 160 p.
- BECKER, Beatriz; THOMÉ, Cláudia. Subjetivação como estratégia do telejornalismo na defesa da ciência. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, 21(47), 2023.
- CANELLAS, Marcelo. Série Fome. **Jornal Nacional**, 2001. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-A9zEQ1-ODQ>> ; Acessado em 28/05/2023
- COUTINHO, I. **Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG**. Mauad Editora Ltda, 2012
- COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. In **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom: São Paulo, 2016. Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>. Acesso: 03/09/2016.
- CUNHA, Sonia Regina Soares da. **A série jornalística televisual : do código verbal ao digital e do genético ao cultural**; Tese doutorado em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27164/tde-26032021-154357/publico/SoniaReginaSoaresdaCunha.pdf> Acessado em 10 ago. 2023

FERNANDES, Livia. Série de Reportagens – o subgênero especial dos telejornais brasileiros. **Intercom** – 2016. In: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0291-1.pdf> Acesso em 28 jun. 2023.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain. **Narrativas migrantes: literatura, roteiro e cinema**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: 7 Letras, 2010.

FINGER, Cristiane; EBERHARDT, Renata. Jornalismo Literário na TV: os Textos do Marcelo Canellas na Série Fome no Brasil 2022. **Anais do Intercom 2022**. In <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0810202218040262f41d421fb8a>, acesso em 16 de março de 2023

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Ed.Cultrix, 1973.

MARTINEZ, M. **Jornalismo literário: tradição e inovação**. Florianópolis: Insular, 2016

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (Orgs.). Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MUNIZ, Sodrê. **As Estratégias Sensíveis: afeto, mídia e política**. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2016.

RAMOS, Fernão Pessoa. A cicatriz da tomada: documentário, ética e imagem intensa. In: **Teoria contemporânea do cinema** - volume II. São Paulo: Editora Senac São Paulo. São Paulo, 2005. pp.159-227.

REIS, Marco Aurelio; THOMÉ, Cláudia Albuquerque. ‘Videoteratura’: Uma proposta de análise do cronismo na televisão. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**, [S.l.], v. 11, n. 3, p. 564-585, jan. 2018. ISSN 1981-9943. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/6228>. Acesso em 15 ago. 2023.

REIS, Marco Aurelio; THOMÉ, Claudia de Albuquerque; MARTINS, Vanessa. C. ; LEÃO, Aurora. M. Protagonismo do Jornalismo audiovisual em séries documentais em streaming com temática correlata aos direitos humanos. In: Cárilda Emerim, Ariane Pereira e Cristiane Finger. (Org.). **Direitos humanos nas telas: reivindicações sociais e representações de sentido narradas pelo telejornalismo**. 1 ed.Florianópolis: Insular, 2021, v. 12, p. 97-112
SIMÕES, Antônio. **Jornalismo de Soluções**. Curitiba, Appris, 2022

THOMÉ, Claudia; PICCININ, Fabiana; REIS, Marco Aurélio. Anatomias narrativas do Telejornalismo contemporâneo e seus elementos certificadores. In: EMERIM, Cárilda; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska. (Orgs.). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas**. Florianópolis: Insular, 2020, v. 9, p. 159-196.

VIZEU, Alfredo; CERQUEIRA, Laerte. O “lugar de referência” do telejornalismo local: o papel dos saberes, dos dispositivos didáticos e da temporalidade. In: COUTINHO, I.; EMERIN, Cárilda. **Telejornalismo local: teorias, conceitos e reflexões**. Ed. Insular, Florianópolis, 2019.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.